



PROFESSOR EDUCAÇÃO BÁSICA II E PROFESSOR II DE LÍNGUA PORTUGUESA

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

01 – Você recebeu do fiscal o seguinte material:

- a) este caderno, com o enunciado das 60 questões objetivas e da questão dissertativa, sem repetição ou falha; as questões objetivas têm o mesmo valor e totalizam 10,0 pontos e a dissertativa vale 10,0 pontos;
- b) uma folha para o desenvolvimento da questão dissertativa, grampeada ao **CARTÃO-RESPOSTA** destinado às respostas às questões objetivas formuladas na prova.

02 – Verifique se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso contrário, notifique **IMEDIATAMENTE** o fiscal.

03 – Após a conferência, o candidato deverá assinar no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, preferivelmente a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.

04 – No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **caneta esferográfica transparente de preferência de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A LEITORA ÓTICA é sensível a marcas escuras; portanto, preencha os campos de marcação completamente, sem deixar claros.

Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)

05 – Tenha muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**.

O **CARTÃO-RESPOSTA SOMENTE** poderá ser substituído caso esteja danificado em suas margens superior ou inferior - **BARRA DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.

06 – Para cada uma das questões objetivas, são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente à questão proposta. Você só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.

07 – As questões objetivas são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.

08 – **SERÁ ELIMINADO** o candidato que:

- a) se utilizar, durante a realização da prova, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
- b) se ausentar da sala em que se realiza a prova levando consigo o Caderno de Questões e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado à folha de resposta à questão dissertativa;
- c) se recusar a entregar o Caderno de Questões e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado à folha de resposta à questão dissertativa, quando terminar o tempo estabelecido.

09 – Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**. Os rascunhos e as marcações assinaladas no Caderno de Questões **NÃO SERÃO LEVADOS EM CONTA**.

10 – Quando terminar, entregue ao fiscal **ESTE CADERNO DE QUESTÕES E O CARTÃO-RESPOSTA** grampeado à folha de resposta à questão dissertativa e **ASSINE A LISTA DE PRESENÇA**.

Obs. O candidato só poderá se ausentar do recinto da prova após **1 (uma) hora** contada a partir do efetivo início da mesma.

11 – **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTA PROVA DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISSERTATIVA É DE 4 HORAS E 30 MINUTOS**, findo o qual o candidato deverá, **obrigatoriamente**, entregar este Caderno de Questões e o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado à folha de resposta à questão dissertativa.

12 – As questões objetivas, a dissertativa e os gabaritos das questões objetivas serão divulgados no primeiro dia útil após a realização da prova, no endereço eletrônico da **FUNDAÇÃO CESGRANRIO** (<http://www.cesgranrio.org.br>).

PEB II

PARTE GERAL

1

De modo mais abrangente, o que se espera que o aluno demonstre, ao término da escolaridade básica,

- (A) competências e habilidades para leitura de diferentes mídias.
- (B) domínio de algoritmos computacionais e de uma língua estrangeira.
- (C) competências para transformar informação em conhecimento e saber utilizá-lo em diferentes contextos.
- (D) domínio das novas tecnologias exigidas pelo mundo do trabalho.
- (E) domínio das técnicas de comunicação e expressão.

2

Com base no princípio da centralidade atribuída ao desenvolvimento da competência leitora e escritora na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, espera-se que os professores das diferentes disciplinas compreendam que apenas

- I** os professores de Língua Portuguesa são os responsáveis por favorecer o desenvolvimento desta competência.
- II** os professores das disciplinas da área de Ciências Humanas contribuem para o desenvolvimento desta competência por meio de interpretação de textos.
- III** os professores de Matemática estão dispensados desta atribuição, pois só utilizam textos científicos.
- IV** os professores das disciplinas da área de Ciências da Natureza estão habilitados a favorecer o desenvolvimento dessa competência por meio de textos científicos, entre outros.

Estão corretas

- (A) I, apenas.
- (B) I, II e IV apenas.
- (C) I, III e IV apenas.
- (D) II, III e IV apenas.
- (E) I, II, III e IV.

3

Quando Luzia começou a trabalhar na escola estadual em que é professora, tinha muita dificuldade em identificar os papéis e funções dos diferentes profissionais. Hoje, depois de alguns anos na escola e de muitas reuniões, ela já compreende como se estabelecem as relações entre os diferentes agentes e suas responsabilidades.

Assim, Luzia deve entender que

- (A) o professor coordenador é um profissional com autonomia para modificar o projeto pedagógico da escola sempre que achar necessário.
- (B) na escola, cabe ao professor a identificação das dificuldades do aluno, a definição dos conteúdos e dos procedimentos de avaliação, sempre em diálogo com o professor coordenador.
- (C) a presença do professor no Conselho de Classe é facultativa, mas a do supervisor é obrigatória.
- (D) a direção da escola não se deve envolver em ações de formação continuada nas escolas, tendo em vista que essa é função apenas do professor coordenador.
- (E) cabe somente aos funcionários da escola assegurar a presença dos alunos das séries avaliadas nos dias de aplicação do Saesp.

4

Um professor, responsável por uma disciplina numa escola da rede estadual de São Paulo, avisado pela direção sobre uma reunião para decidir sobre a gestão financeira da escola, recusou-se a participar, citando as incumbências docentes previstas na Lei 9394.

O professor está

- (A) errado, porque a Lei é clara quando prevê a participação dos professores em trabalhos dedicados ao planejamento financeiro.
- (B) correto, porque, segundo a Lei, o planejamento financeiro não faz parte de suas atribuições.
- (C) correto, porque, segundo a Lei, o planejamento financeiro não é atribuição da escola.
- (D) errado, porque o planejamento financeiro da escola deve ser coordenado pelos professores.
- (E) errado, porque o planejamento financeiro de cada escola é organizado pela Diretoria de Ensino com participação dos professores.

5

“Em 1998 entrei para rede municipal de ensino e me deparei com uma turma de 5ª série (508) que os alunos estavam numa faixa etária acima da esperada para série (média 17 anos) e que tinham muita dificuldade para aprender, por não sentirem interesse em estar inclusive estudando. De início eu não conseguia aceitar tanta falta de conhecimento e tanto desinteresse, depois comecei a pesar as condições psicológicas, sociais, familiares e etc... E foi então que comecei a repensar essa nova postura e atitude com relação a métodos de trabalho e avaliações pois as condições deles eram bem diferentes das quais eu estava habituada.” (depoimento de uma professora)

Como expressado no depoimento da professora, os fatores que envolvem a aprendizagem escolar são muitos e precisam ser considerados no momento de definição de estratégias de ensino. Para ajudar a formular essas estratégias, a professora deve sugerir ao coordenador que discutam, nas HTPCs,

- (A) os problemas de cada família de alunos da escola, procurando soluções para eles.
- (B) as questões que dizem respeito à política de financiamento da Educação Básica.
- (C) as questões que envolvem a política estadual de atribuição de classes.
- (D) as questões que envolvem a um tratamento de natureza pedagógica aos alunos defasados idade/série.
- (E) as questões que envolvem a adaptação dos alunos em idade/série correta aos demais que estejam defasados.

6

Sobre o projeto político-pedagógico da escola é correto afirmar que

- (A) é um documento orientador da ação da escola, onde se registram as metas a atingir, as opções estratégicas a seguir, em função do diagnóstico realizado, dos valores definidos e das concepções teóricas escolhidas.
- (B) deve prover a orientação para a condução de cada disciplina e, sempre que possível, para uma articulação disciplinar, por meio de fazeres concretos, como projetos de interesse individual.
- (C) deve refletir o melhor equacionamento possível entre recursos humanos, financeiros, técnicos, didáticos e físicos, para garantir bons resultados ao final do ano letivo.
- (D) é um documento formal elaborado ao início de cada ano letivo que se realiza mediante um processo único de reflexão sobre a prática pedagógica dos professores.
- (E) possui uma dimensão política, no sentido de compromisso com a formação do cidadão participativo e responsável, e pedagógica, porque orienta o trabalho dos docentes e que a escola tenha uma perspectiva de trabalho única e direta.

7

Um dos papéis do professor na proposta pedagógica da unidade escolar é que ele

- (A) deve elaborar sozinho a proposta pedagógica e garantir sua execução no tempo determinado pela direção da escola.
- (B) deve priorizar pagar com seu salário diversos cursos de capacitação em serviço para melhor desenvolver a proposta pedagógica da escola.
- (C) não precisa estar a par dos resultados de sua escola no Saeb e no Saresp já que estes dados serão desnecessários para o replanejamento de suas aulas.
- (D) deve atuar em equipe em favor da construção da proposta, valorizando a formação continuada e o estudo das Propostas Curriculares da SEE/SP.
- (E) não necessita conhecer a realidade e as identidades locais pois isso é desnecessário no desenvolvimento da proposta pedagógica da escola.

8

Os dados do INEP mostram que, em 2008, dentre as 20 primeiras escolas no ranking do Estado de São Paulo, a partir dos resultados do ENEM, 18 são privadas e duas são centros federais de educação tecnológica.

É corrente a hipótese de que existe uma relação entre o nível socioeconômico dos alunos e os resultados de desempenho escolar.

Assim, os professores das escolas públicas têm avançado no sentido de reconhecer os fatores ditos “externos” que interferem no desempenho escolar e criar alternativas pedagógicas para dotar o ensino público da qualidade almejada.

Marque a alternativa que demonstre uma ação docente adequada nesse contexto, segundo Hoffmann.

- (A) As matrizes curriculares, a partir dos projetos político-pedagógicos, devem ser seguidas sem adaptação à realidade social das escolas.
- (B) As metodologias de ensino idealizadas como pertinentes devem ser aplicadas para atender às determinações legais.
- (C) Os valores ou conceitos atribuídos ao desempenho dos alunos devem ser ajustados de acordo com a origem socioeconômica.
- (D) As turmas devem ser reorganizadas a cada ano, de acordo com os resultados de desempenho, adaptando-se os procedimentos didáticos e outros processos de avaliação ao nível de cada uma.
- (E) Os processos educativos, culminando com as práticas avaliativas, não devem ser moldes onde os alunos têm que se encaixar pelo seu desempenho.

9

Segundo César Coll e Elena Martín (2004), quanto mais amplos, ricos e complexos forem os significados construídos, isto é, quanto mais amplas, ricas e complexas forem as relações estabelecidas com os outros significados da estrutura cognitiva, tanto maior será a possibilidade de utilizá-los para explorar relações novas e para construir novos significados.

O que pode fazer uma professora para ampliar as possibilidades de alunos que estejam construindo conhecimentos, ainda no concreto, mas que já estão em passagem para um pensamento abstrato?

- (A) Propor atividades interdisciplinares, utilizando blocos lógicos.
- (B) Promover situações de interação entre os alunos mais velhos da turma.
- (C) Estimular o conflito cognitivo entre previsão e constatação.
- (D) Partir de uma estrutura concreta e avaliar sua limitação.
- (E) Sugerir situações de avaliação do nível operatório formal.

10

A SEE/SP recomenda aos seus professores o uso de estratégias diversificadas de avaliação. Que depoimento é o de um professor que segue essa orientação?

- (A) “Não dou mais provas, e sim pequenos testes e atividades que, ao final do bimestre, me dão a ideia de como estão meus alunos. Aí, sim, lanço as notas.”
- (B) “Será que todos os alunos que ficam com média 7,0, no somatório das notas das várias atividades, são iguais, aprenderam as mesmas coisas? Acho que não. Por isso, não trabalho mais com notas, mas sim com conceitos.”
- (C) “Aplico provas, mando fazer pesquisa, individual e em grupo, proponho atividades em sala de aula, diversifico o máximo para dar oportunidade a todos de me mostrarem o que estão aprendendo.”
- (D) “Eu entregava as notas que eles sabiam valer para promoção. Ao verificar suas notas básicas, fazia com que fossem corrigindo seus erros, um a um. A maioria desses alunos com dificuldades de aprendizagem é muito dispersiva.”
- (E) “Às vezes a avaliação escolar é transformada em um mecanismo disciplinador de condutas sociais. Por exemplo, já vi situações em que uma atitude de “indisciplina” na sala de aula, por vezes, é imediatamente castigada com um teste relâmpago.”

11

Assim como não podemos falar em uma escola genérica, no singular, pois todas são diferentes, por mais que se assemelhem, também não podemos falar numa família no singular, principalmente nos dias atuais, em que a própria configuração familiar tem mudado profundamente. Mas, ainda assim, o ambiente familiar é o ponto primário das relações socioafetivas para a grande maioria das pessoas.

No que se refere à escola, os PCNs assinalam algumas considerações sobre a relação entre a família e a escola. Assinale a alternativa correta.

- (A) É função da educação estimular a capacidade crítica e reflexiva nos alunos para aprender a transformar informação em conhecimento, pois tanto a escola como a família são mediadoras na formação das crianças e jovens.
- (B) Nos dias de hoje, a escola substitui a família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores, cabendo à escola julgar a educação que cada família oferece a seus filhos.
- (C) A existência da família por si só, assegura o desenvolvimento saudável da criança, uma vez que ela é também influenciada por fatores intrínsecos que determinam, em grande parte, a maneira como se apropriará dos recursos disponíveis.
- (D) As conquistas no âmbito do trabalho promoveram uma maior inserção da mulher em diferentes segmentos da sociedade, e com isso, maior controle de seu tempo, sobretudo no que se refere à dedicação aos filhos e ao desempenho da função educativa dentro da família.
- (E) A escola pode desconsiderar o efeito família visto que com a variedade de tipos de organização familiar e as diferenças e crises que se instalam, a família, de forma geral, está deixando de ser um espaço valorizado pelos adolescentes e jovens.

12

Tanto nos PCNs do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental quanto na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, defende-se que as situações pedagógicas devem envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, de modo a favorecer sua formação íntegra. Para isso, é importante que o professor

- (A) ofereça atividades pedagógicas fixas e determinadas.
- (B) ofereça um projeto estruturado de formação para todos.
- (C) desenvolva instrumentos para avaliar conteúdos.
- (D) articule os conteúdos curriculares ao desenvolvimento de competências.
- (E) ofereça normas e regras de conduta e previsão de punições.

13

Uma escola urbana, ao formar as turmas pelo critério da homogeneidade a partir dos resultados de desempenho dos seus alunos no ano anterior, acaba por formar uma turma excessivamente heterogênea.

A professora da turma, para minimizar os problemas de ensino e de aprendizagem, deve

- (A) elaborar diferentes tipos de avaliação para compensar o desnível de aprendizagem e equilibrar os resultados de desempenho.
- (B) organizar a turma em grupos mais homogêneos por tipo de dificuldade para possibilitar um sistema de cooperação entre os alunos.
- (C) adotar uma pedagogia diferenciada criando atividades múltiplas menos baseadas na intervenção do professor para possibilitar atendimentos personalizados.
- (D) reprovar os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem para colocá-los em uma turma de maturidade mais próxima para que eles consigam acompanhar.
- (E) propor uma reorganização das turmas, no âmbito da escola, considerando os níveis de dificuldade de cada aluno, para possibilitar um planejamento pedagógico homogêneo.

14

Sobre os exames nacionais de avaliação da educação brasileira, é correta a seguinte afirmativa:

- (A) O Enem tem papel fundamental na implementação da reforma do Ensino Médio, ao apresentar provas nas quais as questões são formuladas a partir de situação-problema, interdisciplinaridade e contextualização.
- (B) A Provinha Brasil tem por objetivo oferecer aos gestores das redes de ensino um instrumento para diagnosticar o nível de alfabetização dos alunos, ainda no início da educação básica, sendo aplicada na última série da educação infantil.
- (C) A Prova Brasil, realizada a cada três anos, avalia as habilidades em Língua Portuguesa, com foco na leitura, e em Matemática, com foco nas quatro operações, sendo aplicada somente a alunos do 9º ano da rede pública de ensino nas áreas urbana e rural.
- (D) A partir do SAEB, o Ministério da Educação e as secretarias estaduais e municipais definem as escolas pelo desempenho e dirigem seu apoio técnico e financeiro para o desenvolvimento das cinquenta últimas escolas classificadas em cada município.
- (E) O Pisa é um programa de avaliação internacional padronizada, desenvolvido para os jovens dos países europeus aplicada a alunos de 15 anos a cada dois anos, abrangendo as áreas de Matemática e Ciências.

15

Das características do SARESP, a que representa uma inovação a partir de 2007 é a

- (A) inclusão das escolas estaduais rurais no processo.
- (B) supressão de redação na prova de língua portuguesa.
- (C) utilização de itens pré-testados e elaborados a partir das Matrizes de Referência.
- (D) participação, por adesão, da rede estadual e da rede particular.
- (E) assunção das despesas das adesões das redes municipal e particular pelo governo estadual.

16

O IDEB é um índice de desenvolvimento da educação básica criado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) em 2007, como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Sobre o IDEB, é correto afirmar que

- (A) é calculado com base, exclusivamente, na taxa de rendimento escolar dos alunos.
- (B) é a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade do PDE para a educação básica.
- (C) é um índice de rendimento escolar cujo resultado é usado como critério na concessão de bolsas de estudo.
- (D) permite um mapeamento geral da educação brasileira, e seu resultado define a concessão de aumentos orçamentários para as escolas.
- (E) representa a iniciativa pioneira de reunir, em um só indicador, três conceitos igualmente importantes: desempenho de alunos, fluxo escolar e desempenho docente.

17

Antônio, aluno que se poderia chamar de “bom aluno”, sempre muito quieto e delicado. Certo dia, durante uma atividade de grupo, Rodrigo chama-o agressivamente de homossexual.

Diante da situação e percebendo que Antônio temia represálias de Rodrigo, a atitude mais adequada de um professor com o compromisso de enfrentar “deveres e os dilemas éticos da profissão” é

- (A) suspender os trabalhos em andamento para discutir o incidente crítico.
- (B) repreender o agressor imediatamente e mandá-lo para a direção já com uma indicação.
- (C) retirar agressor e agredido de sala para que se entendam sem atrapalhar o andamento da aula.
- (D) dirigir-se ao aluno agressor sem interromper as atividades e retirá-lo de sala, mandando-o à direção.
- (E) chamar a autoridade administrativa para a sala de aula a fim de dar providências disciplinares ao agressor.

18

Em uma atividade de grupo numa aula de Língua Portuguesa, o professor observava vários comportamentos diferentes em relação à participação dos alunos: num dos grupos, Maria falava sem parar e não permitia a participação dos demais; em outro, José não falava nada, apenas escrevia; noutro, todos conversavam sobre alguma coisa que não parecia o assunto a ser debatido. Num quarto grupo, os alunos sequer falavam, pois todos estavam desenvolvendo individualmente e por escrito a solicitação do professor; havia, ainda, um quinto e um sexto grupo que não despertaram maior atenção no professor.

Usar esses registros para proceder a uma avaliação mediadora pressupõe a seguinte atitude do professor:

- (A) Sancionar e premiar os alunos segundo suas observações, apresentando seus registros como justificativa das notas atribuídas.
- (B) Desconsiderar a atividade realizada e, após a crítica às diferentes participações, propor uma nova atividade de grupo para atribuição de nota.
- (C) Conversar com a turma sobre suas observações, a partir dos registros feitos, fazendo a crítica à participação dos alunos depois de dada a nota.
- (D) Discutir com a turma as suas observações e definir, a partir do debate, como essas diferentes participações poderão interferir na avaliação final.
- (E) Atribuir notas baixas aos alunos cujo registro da observação foi considerado negativo pelo professor, criticando, diante da turma, as atitudes desses alunos.

19

Para Tardif, o saber docente é um saber plural, oriundo da formação profissional (o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores); de saberes disciplinares (saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento e emergem da tradição cultural); curriculares (programas escolares) e experienciais (do trabalho cotidiano).

Assinale a alternativa que expressa o pensamento do autor.

- (A) A prática docente é desprovida de saber, e plena de saber-fazer.
- (B) O saber docente está somente do lado da teoria, ao passo que a prática é portadora de um falso saber baseado em crenças, ideologias, idéias preconcebidas.
- (C) Os professores são apenas transmissores de saberes produzidos por outros grupos.
- (D) Os saberes de experiência garantem sucesso no desenvolvimento das atividades pedagógicas.
- (E) O saber é produzido fora da prática e, portanto, sua relação com a prática só pode ser uma relação de aplicação.

20

Diretrizes Curriculares Nacionais são o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, e orientam as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental dizem que as escolas deverão estabelecer, como norteadoras de suas ações pedagógicas:

- I os Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- II os Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do exercício da Criticidade e do respeito à Ordem Democrática;
- III os Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

Marque as afirmativas corretas.

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I e III, apenas.
- (D) II e III, apenas.
- (E) I, II e III.

LÍNGUA PORTUGUESA

21

Um dos fatores de diferenciação entre linguagem verbal e não verbal é o que se refere ao emprego de palavras gramaticais. Segundo Nilce Sant'anna Martins, em *Introdução à estilística*, as palavras gramaticais são pouco numerosas, mas de altíssima frequência nos enunciados, desempenhando funções de grande importância que podem estar relacionadas com o ato de enunciação, com a organização do discurso ou texto, ou com a estruturação da frase.

Segundo a autora, o emprego de palavras gramaticais serve para, entre outras funções,

- (A) indicar quantidade e intensificação por meio de numerais, pronomes e preposições.
- (B) informar o espaço e o tempo em que se realiza a enunciação sem mencionar os participantes.
- (C) relacionar o enunciado com a enunciação sem indicar os participantes da comunicação.
- (D) substituir morfemas no processo de formação de palavras.
- (E) relacionar elementos inferidos da leitura do enunciado.

22

A comunicação apresenta-se em duas situações: verbal e não verbal. Enquanto a não verbal diz respeito à leitura de imagens, a verbal manifesta-se por meio da oralidade (fala) e da escrita.

Segundo Ingedore V. Koch, a fala e a escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias. Isto não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial.

De acordo com essa posição teórica, é correto afirmar que

- (A) a fala e a escrita apresentam diferentes graus de formalidade de acordo com a situação comunicativa.
- (B) a fala e a escrita são atividades que se assemelham em relação à frequência de estruturas passivas.
- (C) a fala é uma atividade de caráter cultural, e a escrita é uma atividade de natureza técnica.
- (D) a fala é uma produção de maior variedade vocabular, enquanto a escrita caracteriza-se por menor densidade lexical.
- (E) a fala realiza-se sem planejamento, ao contrário da escrita, que é planejada.

23

Em uma atividade de sala de aula, o professor sugere à turma a leitura do texto que segue, com vista à discussão das diferentes necessidades comunicativas entre pessoas num mesmo ambiente de trabalho. Nilce Sant'anna Martins fala do resíduo afetivo que salva a imagem e de um elemento afetivo que pode variar de indivíduo para indivíduo.

O BLÁ-BLÁ-BLÁ DAS EMPRESAS

O que você entende da frase *tal colaborador foi desligado*? Antes de pensar que um consultor de sua empresa se mostra desatento ou que um colega que tem contrato temporário foi dispensado de um projeto, experimente trocar a palavra *colaborador* por *funcionário* e *desligado* por *demitido*. Captou a mensagem? Cada vez mais, palavras usadas no discurso das companhias vêm sendo substituídas por outras. Esse vocabulário é apontado pelos especialistas como uma ferramenta para manter um bom clima organizacional. Resumo da ópera: se você faz, bem, mil coisas diferentes ao mesmo tempo no trabalho, não adianta reclamar que está *sobrecarregado*. A empresa provavelmente gosta e considera você um funcionário *multifuncional*.

DIAS, Paula. Caderno Boa Chance. Jornal *O Globo*, 26 de julho de 2009. Fragmento.

Da leitura do texto, os alunos devem depreender que uma estratégia verbal adotada atualmente nas empresas é a de

- (A) empregar frases feitas para a comunicação interpessoal.
- (B) fazer uso de gírias para tornar a comunicação mais amigável.
- (C) incluir metáforas na linguagem diária para comunicar decisões empresariais.
- (D) substituir palavras para amenizar o seu sentido original.
- (E) utilizar vocabulário técnico para preservar a autoridade nas relações funcionais.

24

Leia o trecho em que Monteiro Lobato descreve o reino das Águas Claras em *Reinações de Narizinho*:

E canários cantando e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde pequeninando e não mordendo.

Nesse texto, o autor empregou o recurso que Nilce Sant'anna Martins, em *Introdução à estilística*, designa como

- (A) aliteração.
- (B) anonimação.
- (C) assonância.
- (D) onomatopéia.
- (E) paranomásia.

25

Segundo Nilce Sant'anna Martins, em *Introdução à estilística*, nos textos de autores regionalistas, encontramos formas populares que têm a função de evocar o nível cultural das personagens ou marcar a língua arcaica das zonas rurais ou do sertão. Em Guimarães Rosa, além das formas populares, encontramos alterações fonéticas feitas pelo autor para reforçar o teor expressivo das palavras.

Leia as alternativas abaixo. Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda e depois marque a alternativa em que se apresenta a ordenação adequada aos conceitos expressos.

(1)	acréscimo de sibilantes no final de palavras invariáveis.	()	e também se desabalando de lá, xamenxame de abelhas bravas. (Grande sertão: veredas)
(2)	inovação do processo superlativo de termos.	()	...intugidos até então, mumumudos. (Primeiras estórias)
(3)	acréscimo de fonema no interior do vocábulo.	()	cobra serepente malina. (Grande sertão: veredas)
(4)	acréscimo de teor onomatopaico.	()	foras de norma. (Grande sertão: veredas)
(5)	perda de som final.	()	gol d'alguma cachaça. (Grande sertão: veredas)

- (A) 2, 3, 4, 5, 1.
 (B) 5, 4, 2, 1, 3.
 (C) 3, 5, 2, 1, 4.
 (D) 4, 2, 3, 1, 5.
 (E) 1, 2, 3, 4, 5.

26

Consoante Nilce Sant'anna Martins, em *Introdução à estilística*, entre as linguagens especiais que evocam determinadas classes sociais ou grupos profissionais, é a gíria a que oferece maiores possibilidades expressivas, traços afetivos mais intensos. O vocabulário inicialmente restrito a um grupo pode generalizar-se, passando então a fazer parte do dialeto social popular, renovando-se constantemente.

Em uma atividade de sala de aula, para discutir o uso de gírias, o professor apresenta à turma o seguinte fragmento.

Outro dia, a estudante de Relações Públicas Priscilla Franco estava numa rodinha com amigos e, querendo retomar um assunto, soltou um *voltando à vaca fria*. A gargalhada foi geral, e quase ninguém entendeu o que ela disse. Mas a universitária já não estranha esse tipo de reação. Ela é do tipo que, mesmo em seus 20 e poucos anos, costuma tirar expressões *do fundo do baú*, como *lnês é morta, batuta*.

HELAL FILHO, William. *Jornal O Globo*. RJ, 4 de ago de 2009.

O estranhamento ante a fala da colega deve-se ao fato de a estudante

- (A) empregar jargão profissional dos jovens universitários.
 (B) fazer uso de gírias próprias de uma outra geração.
 (C) inovar o sentido de expressões em desuso.
 (D) privilegiar palavras e expressões consagradas pelos dicionários.
 (E) usar formas eruditas em conversa informal com os colegas.

27

Marcuschi, em *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, manifestou-se a respeito de modalidades típicas da oralidade e da escrita, que constituem um gênero comunicativo *misto* situado no entrecruzamento de fala e escrita. Nesse caso, enquadra-se o *internetês*, maneira de escrever estabelecida em função da inovação tecnológica que adentrou os meios de comunicação. Criou-se essa prática peculiar de trocar mensagens, a qual se inscreve nos procedimentos neológicos típicos do dinamismo das línguas vivas.

Para discutir com a turma a presença do *internetês* na comunicação, especialmente entre os jovens, o professor propõe a leitura do seguinte fragmento.

Vamos aprender *internetês*?

Vc quer *tuitar*? Eu axo q seria legal p ixcrever sbr a vida!

Não entendeu muita coisa dessa frase? Vamos à tradução: Vc é a abreviação de você, utilizada para acelerar a comunicação. Isso acontece com as letras p, que é a abreviação de para e q, abreviação de que. *Tuitar* significa escrever no Twitter, o *miniblog* que é a sensação do momento.

SMAAL, B. P. *Como está seu internetês? Conheça a linguagem utilizada no mundo online*. Disponível em: www.baixaki.com.br, 23 de julho de 2009. Acesso em 21 de dezembro de 2009. Fragmento.

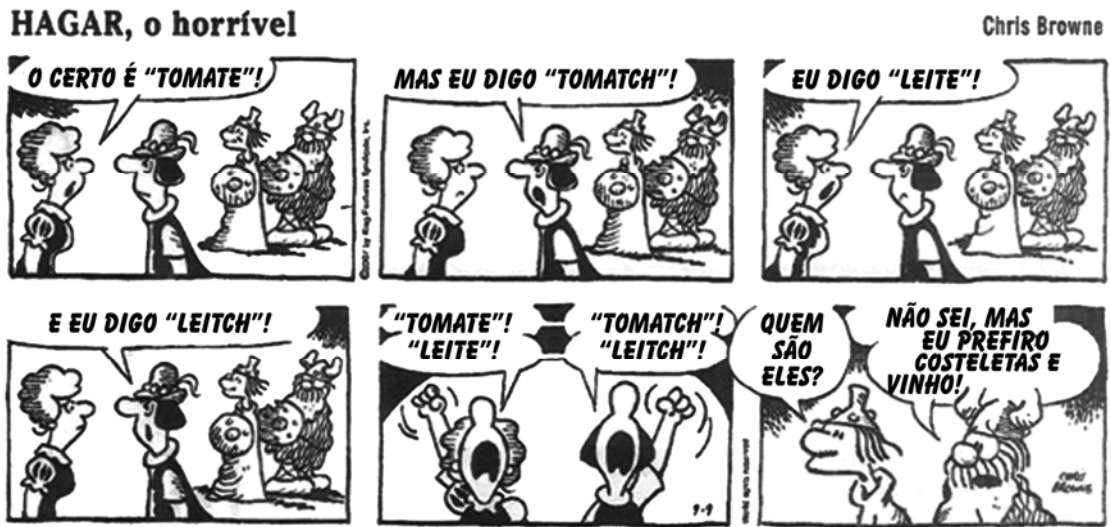
Ao discutir com a turma a presença do *internetês* na comunicação, especialmente entre os jovens, o professor informa que os estudiosos não são unânimes na apreciação desse tema, como se depreende das alternativas abaixo, colhidas e adaptadas da Revista de Língua Portuguesa (dezembro de 2009) e do jornal *O Globo* (19/12/2009).

Marque a alternativa em que se restringe o uso do *internetês* como metamorfose natural da língua.

- (A) A *estenografia* também é uma escrita simplificada do original, que tem o mesmo objetivo de aproveitar melhor o tempo e o espaço, assim como o *internetês*. (Sílvia Bittencourt)
- (B) Agora, o *interneteiro* pode ajudar a reduzir os excessos da ortografia, e bem sabemos que são muitos. O *interneteiro* mostra um caminho, pois faz um casamento curioso entre oralidade e escrituralidade. (Ataliba de Castilho)
- (C) As escolas precisam aprender a conviver com essa realidade. É óbvio que, nas provas e nas aulas, sempre haverá a exigência do aprendizado da língua padrão, principalmente na forma escrita. (Elizabeth Montero)
- (D) Por meio da Internet, nunca se escreveu tanto. Alega-se que os jovens escrevem mal, estropiando a linguagem, mas é um pouco como fazia o telegrama, avô do Twitter, ao economizar palavras usando abreviações (vg, pt, vc). (Zuenir Ventura)
- (E) Uma coisa é usar gírias e *internetês* na informalidade e com amigos. Outra é levar esses vícios para toda a comunicação. (Elenice Lorenz)

Nilce Sant'anna Martins afirma que os regionalismos permitem a evocação de certos aspectos de determinada parte do país, produzindo efeitos diferentes conforme o ouvinte ou leitor seja ou não dessa região.

Para exemplificar essas diferenças linguísticas, o professor apresenta à turma a seguinte tira:



Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2007.

Nos quadrinhos selecionados, a variação linguística é de natureza

- (A) fonética.
- (B) lexical.
- (C) morfológica.
- (D) semântica.
- (E) sintática.

29

As tiras constituem material usado com frequência em sala de aula para estudos sobre a dinâmica da língua, conjugando possibilidades de desenvolvimento conteudístico com um clima de descontração, necessário ao bom êxito da relação ensino e aprendizagem. Observe o texto a seguir.

AS COBRAS

VERISSIMO



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 01 de abril de 1990.

Após a leitura da tira, o professor deve propor à turma o reconhecimento de que as relações morfossintáticas respondem pela seleção adequada dos pronomes oblíquos numa frase. O humor da tira selecionada reside no/na

- (A) complexidade informativa da língua oral.
- (B) desobediência às regras de concordância nominal.
- (C) predominância dos recursos da escrita.
- (D) uso de objeto direto por indireto.
- (E) utilização apropriada das classes nocionais.

30

Leia o texto a seguir, retirado de um site sobre a Língua Portuguesa.

Tempos atrás foi exibido, na televisão, um anúncio cujo texto dizia: ... a marca que o mundo confia. Acontece que quem confia confia em. Logo, o correto seria dizer: ... a marca em que o mundo confia.

Na linguagem informal, diz-se em geral *A rua que eu moro, Os países que eu fui, A comida que eu mais gosto*. Conforme a norma culta, as construções corretas seriam *A rua em que moro, Os países a que fui, A comida de que mais gosto*.

CIPRO NETO, P. *Nossa Língua Portuguesa* (site). São Paulo: TV Cultura. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

Nesse texto, o autor descreve um processo essencial à sobrevivência das línguas que é a variação linguística. O texto se refere

- (A) à eliminação do pronome relativo em construções adjetivas nas situações informais.
- (B) à mudança na regência de verbos em orações introduzidas por pronome relativo.
- (C) à substituição do pronome relativo pela conjunção integrante na modalidade escrita.
- (D) ao desaparecimento do tópico frasal em períodos compostos por subordinação.
- (E) ao deslocamento da preposição que acompanha o pronome relativo em textos orais.

Considere o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que como escritor devo-me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

31

Para ressaltar a importância da comunicação verbal, o autor emprega linguagem

- (A) denotativa, para demonstrar fidelidade ao sentido que deseja expressar.
- (B) figurada, com base no exagero para enfatizar o sentido proposto.
- (C) jornalística, para descrever o âmbito em que se insere a afirmação feita.
- (D) popular, para atingir o maior número possível de leitores.
- (E) técnica, própria das reflexões de caráter linguístico.

32

No texto, Guimarães Rosa enfatiza dois pontos: a peculiaridade das línguas de se modificarem ao longo do tempo e a necessidade de os seus falantes acompanharem essa evolução. No texto selecionado, o autor relaciona

- (A) comunicação e interação.
- (B) língua e informação.
- (C) língua e sociedade.
- (D) linguagem e cultura.
- (E) linguagem e pensamento.

Considere o texto a seguir para responder às questões 33 e 34.

Celebração das contradições

Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.

Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem os corações; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão.

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*, Porto Alegre: LP&M, 1991, 2. ed. Fragmento.

33

O título “Celebração das contradições” antecipa a ocorrência, no texto, de algumas incongruências por meio das quais o narrador pretende refletir sobre realidade e sonho. O texto selecionado apresenta, em algumas passagens, ruptura de natureza semântica.

Marque a alternativa que apresenta um enunciado com ruptura de natureza semântica.

- (A) *A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine (...)*
- (B) *Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro.*
- (C) *Dos medos nascem os corações; e das dúvidas, as certezas.*
- (D) *Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara.*
- (E) *Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos.*

34

Os neologismos criam significados e significantes inusitados que ampliam o acervo lexical das línguas. Na criação neológica, os prefixos são elementos produtivos, tal como se verifica em *desdizer*, em que um novo significado é obtido a partir da prefixação.

Marque a alternativa em que o significado entre parênteses do prefixo está corretamente identificado em relação à palavra à qual se incorporou.

- (A) contradizer (reduzir).
- (B) desamarrar (repetir).
- (C) dessonhar (desfazer).
- (D) revelar (transformar).
- (E) reler (acompanhar).

35

O texto a seguir faz parte do anúncio publicitário de um banco.

Banco Fortuna – todo seu.

Faz diferença se sentir à vontade no seu banco. Seja porque ele é parecido com você ou porque você se sente parte dele. Faz diferença ter um banco todo seu. A Luísa é funcionária do Banco Fortuna. Faz parte do banco que tem a cara desse País, onde trabalham pessoas de todas as raças, de todas as regiões, de todas as culturas. Onde você sabe que vai encontrar alguém como você. E é assim que nossas diferenças fazem a diferença. Porque respeitamos e valorizamos a diversidade.

Revista Piauí. São Paulo/Rio de Janeiro, janeiro 2009. Adaptado.

O texto publicitário procura convencer o leitor a adotar um comportamento, a tomar uma decisão, uma atitude etc., e, para isso, faz uso de determinadas estratégias. O sujeito que emite o discurso procura convencer seu interlocutor a se tornar cliente de um banco. Embora esta não seja uma situação de interlocução em que os falantes estão presentes, existe uma mensagem com intenção persuasiva. Isso pode ser percebido no texto pela / pelo

- (A) alta frequência do pronome de tratamento você.
- (B) emprego de frases de acordo com a sintaxe padrão.
- (C) menção a pessoas de todas as regiões e culturas.
- (D) referência a uma pessoa por meio de seu nome.
- (E) uso das formas verbais *respeitamos* e *valorizamos*.

Considere os textos a seguir.

Texto 1

Esta foi a origem do pecado original, e esta é a causa original das doenças do Brasil – tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, Senhor (digamolo em uma palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar o nosso bem, vêm cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o Mundo, porque Adão fez só a metade do que Deus lhe mandou, em sentido averso – guardar sim, trabalhar não, assim, podemos dizer que se perde também o Brasil, porque alguns dos seus ministros não fazem mais que a metade do que El-rei lhes manda.

VIEIRA, A. *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*. In: *Obras Completas do Pe. Antônio Vieira: Sermões*, Vol. III, Tomo IX. Porto/Portugal: Lello Irmãos Editores, 1959. Fragmento.

Texto 2

Mas a principal mercê que os três donatários obtiveram do monarca lhes foi garantida por um alvará assinado no dia 18 de junho de 1535, mediante o qual ficou decidido que *todas as minas de prata por eles achadas e descobertas de qualquer modo que seja em quaisquer partes que fiquem, pelas terras adentro de suas capitâneas* passariam a lhes pertencer *para todo o sempre por juro e herdade*, podendo ser repassadas a seus filhos, netos e herdeiros legais.

BUENO, Eduardo. *Capitães do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 1999. Fragmento.

Os textos de Vieira e de Bueno tratam, cada um a seu modo, da / do

- (A) causa dos problemas brasileiros e da legitimação dos ganhos dos colonizadores lusitanos, expressa por alguns vocábulos em desuso.
- (B) confisco dos bens materiais dos brasileiros e da ganância política dos colonizadores, expresso pela presença de campos semânticos referentes à colonização.
- (C) falsidade da justificativa de pretender salvar a alma do gentio e levar a eles a palavra da cristandade, por meio de termos ligados à religião.
- (D) negligência administrativa dos ministros de El-Rei e da cumplicidade da Coroa, evidenciada por termos do jargão dos colonizadores.
- (E) prejuízo do mundo civilizado em virtude da sanha colonizadora dos portugueses, como se desprende do uso de termos anacrônicos.

Sabe-se que nenhuma língua se mantém igual em toda a extensão em que é falada. Variedades de diferentes ordens (geográfica, social, individual) ocorrem sem prejuízo da unidade superior do idioma.

Leia os textos a seguir e responda ao que se pede.

Texto1

Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de um pequeno campo fértil (...)

HORACIO. *Ars poetica*. /s.n.b./ Fragmento.

Texto2

Você teve indução.
Aprendeu muita ciência.
Mas das coisas do sertão
Não tem boa experiência.
Nunca fez um paioça
Nunca trabauiu na roça.
Não pode conhecer bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem penou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Patativa do Assaré. *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1978. Fragmento.

Os textos de Horacio e de Patativa do Assaré se inserem no quadro da variação das línguas vivas. Uma possível análise do processo de variação dos textos apresentados indica que

- (A) a estrutura do texto de Horacio revela um universo marcado por diferenças de registro.
- (B) a estrutura do texto de Patativa impede a compreensão do conteúdo do poema.
- (C) ambos os textos retratam variedades de caráter morfossintático.
- (D) o texto de Horacio refere-se às variantes inerentes à dinâmica da vida.
- (E) o texto de Patativa, especialmente pela sintaxe, configura uma variante social.

Após apresentar à turma diferentes textos literários (poemas, crônicas, contos), o professor propõe que sejam levantados os critérios que levam esses textos a ultrapassarem a sua função comunicativa e se tornarem uma obra de arte. Um desses critérios pode ser

- (A) analisar os recursos expressivos responsáveis pela articulação criativa das ideias veiculadas no texto.
- (B) inferir o sentido denotativo das palavras para atingir a fruição estética.
- (C) privilegiar o significado das palavras em detrimento da norma gramatical vigente.
- (D) recorrer à rima como forma de valoração poética dos objetos culturais.
- (E) selecionar temas que facilitem a compreensão do texto.

39

Algumas notícias de jornais editados em 1922 mostram a repercussão da Semana de Arte Moderna na imprensa, especialmente no que representava de ruptura com a literatura que, até então, se praticara. Os trechos das publicações selecionadas retratam o clima de insatisfação que grassou no seio da crítica ao movimento em foco.

Texto 1

Foi, como se esperava, um notável fracasso a récita de ontem na pomposa Semana de Arte Moderna, que melhor e mais acertadamente deveria chamar-se Semana do Mal – às Artes.

Folha da Noite, 16/2/1922. Disponível em: www.docstoc.com/docs/.../-semana-da-arte-moderna. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

Texto 2

A Semana de Arte Moderna está para acabar. É pena, porque, com franqueza, se do ponto de vista artístico aquilo representa o definitivo fracasso da escola futurista, como divertimento foi insuperável.

Jornal do Commercio, 18/2/1922. Disponível em: www.literalmeyda.blogspot.com/.../semana-da-arte-moderna-86anos.html. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

Texto 3

As colunas da secção livre deste jornal estão à disposição de todos aqueles que, atacando a Semana de Arte Moderna, defendam o nosso patrimônio artístico.

Disponível em: www.historiadaarte.com.br/semanade22.html. O Estado de São Paulo, fevereiro de 1922. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

Analisando as notícias acima apresentadas, conclui-se que a reação, na época, à Semana de Arte Moderna foi de

- (A) adesão ao novo discurso proferido pelos mentores do movimento artístico.
- (B) indiferença à produção artística, por nada acrescentar ao patrimônio cultural nacional.
- (C) regozijo ante as novidades ainda que estranhas ao cenário cultural vigente no País.
- (D) repúdio ao movimento por entendê-lo um retrocesso artístico no cenário brasileiro.
- (E) surpresa ante a mudança de rumos depreendida do acervo de obras apresentadas.

40

Koch define os conceitos de intertextualidade plena e restrita. Para essa autora, a intertextualidade no sentido restrito é a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos.

Para explorar esses conceitos, o professor apresenta à turma os textos a seguir.

Texto 1 OS LUSÍADAS

Canto I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1993. Fragmento.

Texto 2

Isto é o que fizeram os primeiros Argonautas de Portugal nas suas tão bem afortunadas Conquistas do Novo Mundo, e por isso bem afortunados. Este é o fim para que Deus entre todas as Nações escolheu a nossa com o ilustre nome de pura na Fé, e amada pela piedade: estas são as Gentes estranhas e remotas, aonde nos prometeu que havíamos de levar seu Santíssimo Nome: este é o Império seu, que por nós quis amplificar e em nós estabelecer; e esta é, foi, e será sempre a maior e melhor glória do valor, do zelo, da Religião e Cristandade Portuguesa.

VIEIRA, A. *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*. In: *Obras Completas do Pe. Antônio Vieira: Sermões*, Vol. III, Tomo IX. Porto/Portugal: Lello Irmãos Editores, 1959. Fragmento.

Aplicando o conceito de intertextualidade aos fragmentos, conclui-se que Camões e Vieira

- (A) criticaram severamente os altos custos da empreitada portuguesa.
- (B) enalteceram os feitos portugueses que ampliaram as fronteiras do mundo conhecido.
- (C) expressaram de forma pessimista sua visão sobre os feitos lusitanos.
- (D) lamentaram as vidas que se perderam na conquista de novas terras de além-mar.
- (E) louvaram as conquistas lusitanas em trechos lavrados no mesmo gênero textual.

41

Segundo Marcuschi, a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade.

Historicamente, a figura do Papai Noel, por exemplo, sempre ocupou amplo espaço no imaginário infantil. Assim sendo, os diferentes grupos sociais cultuam o bom velhinho, criando situações de interação, tal como se lê no texto a seguir.

E aí, Papai Noel, belê?

A parada é a seguinte: eu tô muito a fim, tô a finzaço mesmo de ter um Mini System Titanium da Gradiente no meu quarto, aquele que reproduz MP3 com 5000 watts de potência, tá ligado? Sabe como é: eu queimo uns CDS MP3, convido a mina para ouvir um som da hora, a gente troca umas ideias e aí, meu velho, você tá ligado, né? E então? Quebra essa pra mim, mano.

Revista *Época*, 16/12/2002. Fragmento.

Da estrutura linguística do bilhete acima reproduzido, depreende-se que uma das características da linguagem em que foi escrito o texto é ser

- (A) informal, bastante próxima da oralidade, como se exemplifica em *belê, tô a finzaço, você tá ligado, né?*
- (B) popular, distante da oralidade, como se lê em *Mini System Titanium, MP3 com 5000 watts de potência.*
- (C) retórica, distante da linguagem afetiva, como se lê em *Quebra essa pra mim, mano.*
- (D) semiformal, presente na repetição de expressões, tais como *convido a mina para ouvir um som da hora, Quebra essa pra mim.*
- (E) técnica, banalizada pela menção a termos específicos da eletrônica, como em *som da hora, parada, ligado.*

42

Leia o texto a seguir.

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

RAMOS, Graciliano. Entrevista atribuída a Graciliano Ramos. Casa de Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios, 1948.

Nesse trecho da entrevista, Graciliano Ramos compara o ofício da escrita com o ofício das lavadeiras de Alagoas. Essa comparação serve para dizer que escrever é

- (A) agir com distração e bom humor.
- (B) articular palavras desligadas da política do idioma.
- (C) empregar as palavras de modo fácil e simples.
- (D) selecionar palavras para expressar ideias novas.
- (E) trabalhar a palavra até obter o resultado desejado.

43

Leia o texto que segue.

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz* (1962-1975). In: *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Segundo teóricos da literatura, o que singulariza a linguagem literária é o estranhamento produzido pela utilização de combinações linguísticas inusitadas e inesperadas, em relação à linguagem do dia a dia. No poema de Ferreira Gullar, o estranhamento é provocado pela

- (A) comparação entre a amada e elementos da natureza para reforçar a concepção de que a vida é inútil para o poeta.
- (B) estruturação em estrofes de diferentes tamanhos compostas por versos de várias extensões, com rima interna.
- (C) inserção da conjunção concessiva *embora* para descrever o que não vale a pena na vida, segundo a avaliação do sujeito poético.
- (D) reiteração da expressão aritmética *como dois e dois são quatro* para expressar a dúvida do sujeito poético sobre a vida.
- (E) utilização de comparações metafóricas para reforçar a convicção do sujeito poético de que a vida vale a pena.

44

Leia os dois fragmentos a seguir.

Olhando então com mais cuidado para a praia, vi umas criaturas semelhantes a macacos, que andavam muito eretas e apontavam para nós. Porém, conforme a luz do dia a tudo ia clareando, pude ver que não eram animais e sim oito ou nove homens pintados de carmim e preto, e armados de arcos e flechas. E aconteceu que hoje vieram algumas mulheres, todas com cabelos muito pretos e compridos, pintadas com aquela tintura e nuas como Eva, mas disso não faziam conta. Quando as vimos, acendeu-se em nós o natural lume da luxúria e por mais que quiséssemos parecer sisudos, não podíamos deixar de muito olhar para as suas ancas e também para os seus peitos. Eram limpas e tinham suas partes altas e bem cerradinhas. Os rostos não eram bons, mas ainda assim havia gosto em olhar para elas.

TORERO, J. R. & PIMENTA, M. A. *Terra papagalli*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. Fragmento.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes. Bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. [...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

CAMINHA, P. V. *Carta a el-rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil*. 1 de maio de 1500. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1974. Fragmento.

Considerando os conceitos de intertextualidade ampla e restrita expressa por Koch, depreende-se que, entre os dois fragmentos selecionados, a intertextualidade manifesta-se em função

- (A) da mesma abrangência do tema tratado.
- (B) da representação de diferentes fatos históricos.
- (C) de diferentes modos de organização do discurso.
- (D) dos diferentes campos semânticos selecionados.
- (E) dos diferentes graus de formalidade da linguagem.

45

Leia o texto abaixo, adaptado da Proposta Curricular de São Paulo.

Este é o momento de incentivar o aluno a refletir sobre a variedade de gêneros com os quais ele entra em contato na escola, tanto na prática oral quanto na escrita. Não será difícil para o aluno compreender a circulação escolar de artigos de revista e jornal, tiras em quadrinhos, letras de música, textos didáticos. Talvez seja mais difícil para o aluno compreender os gêneros orais: aula expositiva, discussão de temas em grupos e em classe, argumentação de pontos de vista.

Da reflexão sobre o texto apresentado, pode-se depreender uma proposta pedagógica que envolva a

- (A) análise de artigos de jornais e revistas e de textos didáticos como um exercício necessário para a compreensão de textos orais.
- (B) elaboração de resumo escrito de um conto ou de um romance como uma etapa preparatória para a produção de resumo oral.
- (C) prática de transcrição de textos orais populares como forma de suprimir as redundâncias em textos escritos.
- (D) realização de uma atividade de júri simulado para desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos.
- (E) reescritura de um texto como estratégia para perceber a relevância dos estudos de prosódia.

46

A intertextualidade, segundo Ingedore V. Koch, é necessariamente atestada pela presença de um intertexto. A intertextualidade pode ser explícita ou implícita: é explícita quando há citação da fonte do intertexto e implícita quando ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para reconstruir o sentido do texto.

Leia os textos a seguir e responda ao que se pede.

Texto 1

Como dois e dois

Quando você

Me ouvir cantar

Venha não creia eu não corro perigo

Digo não digo não ligo, deixo no ar

Eu sigo apenas porque eu gosto de cantar.

Tudo vai mal, tudo

Tudo é igual quando eu canto e sou mudo

Mas eu não minto não minto

Estou longe e perto

Sinto alegrias tristezas e brinco.

Tudo vai mal, tudo

Tudo mudou não me iludo e contudo

A mesma porta sem trinco, o mesmo teto

E a mesma lua a furar nosso zinco.

VELOSO, Caetano. *Dois*, Dabliú, ano 2001. Disponível em:

www.mpbnet.com.br/musicos/cassio.gava/letras/como_dois_e_dois.htm. Acesso em 03 de janeiro de 2010. Fragmento.

Texto 2

Chão de estrelas

A porta do barraco era sem trinco

Mas a lua furando nosso zinco

Salpicava de estrelas nosso chão.

E tu pisavas nos astros distraída

Sem saber que a ventura desta vida

É a cabrocha, o luar e o violão.

CALDAS, Sílvio e BARBOSA, Orestes. Disponível em:

www.mpbnet.com.br/musicos/cassio.gava/letras/htm. Acesso em 03 de janeiro de 2010. Fragmento.

Há nos dois textos uma imagem recorrente que contribui para reforçar a ideia de

- (A) alusão plena.
- (B) intertextualidade explícita.
- (C) intertextualidade implícita.
- (D) paráfrase.
- (E) paródia.

Para discutir com a turma o conceito de texto literário e de outros tipos de discurso, o não literário, por exemplo, o professor informa que, independentemente da natureza dos textos, qualquer tema pode ser submetido a uma análise crítica. Em seguida, apresenta os dois textos que seguem e trabalha cada um deles, proporcionando aos alunos a percepção das características de um e de outro.

Texto 1

ESTRELA s.f. Astro dotado de luz própria, observável sob a forma de um ponto luminoso. As estrelas, como o Sol (que é ele próprio uma estrela), fazem parte do sistema estelar chamado *galáxia*. O aspecto da galáxia, composta de milhões de estrelas, corresponde à Via-Láctea. As estrelas são classificadas por brilhos aparentes decrescentes, segundo uma escala dita *das magnitudes*.

HOUAISS, Antonio & KOOGAN, Abrahão. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4.ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1999.

Texto 2

A estrela

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que de sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

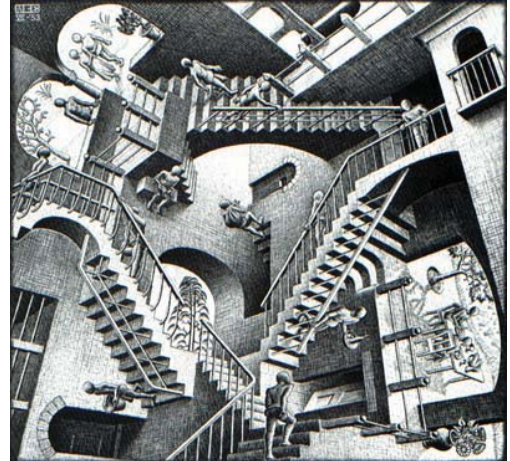
Em uma situação didática, propõe-se que os alunos assinalem, dentre as afirmações feitas, aquela que **CONTRARIA** as informações dadas sobre os conceitos de literariedade e não literariedade.

- O texto literário instaura relações mais restritas que o não literário, visando à transmissão de informações objetivas sobre o real.
- O texto literário tem uma dimensão estética plusissignificativa.
- O texto literário, em que predomina a função poética da linguagem, é um espaço de reflexão sobre a realidade.
- O texto não literário centra-se na necessidade de transmitir uma informação objetiva.
- O texto não literário faz uso de palavras de sentido denotativo e, nele, predomina a função referencial da linguagem.

A materialização de uma intenção do autor se dá através de elementos tanto linguísticos como gráficos, cabendo ao leitor a recuperação dessa intenção. Nesse processo, o leitor se apoia tanto em elementos extralinguísticos, como em elementos linguísticos.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor - Aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas, S. P.: Pontes, 2004.

Considere a imagem e o poema a seguir.



ESCHER, M. C. Relatividade. IN: ERNST, B. O espelho mágico de M. C. Escher. Hohenzollernring: Taschen, 1978.

Canção excêntrica

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar a saída,
em vez de abrir um compasso,
projeto-me num abraço
e gero uma despedida.

Se volto sobre meu passo,
é já distância perdida.

MEIRELES, Cecília. Pois é, poesia. Coleção Antologia de Poesia para Jovens. São Paulo: Global. Fragmento.

A gravura de Escher e o poema de Cecília Meireles retratam espaços fantásticos, frutos da imaginação dos dois artistas. Nos dois casos, é correto afirmar que eles

- apresentam recursos que revelam uma concepção tradicional da obra de arte, seguindo os cânones restritos muito em voga no final do século XIX e que continuaram no século XX.
- pertencem a movimentos artísticos que valorizavam aspectos coletivos na concepção da obra de arte, sugerindo que o artista nada tem a ver com a realidade que o cerca.
- procuram oferecer ao espectador uma visão positiva da realidade, transmitindo-lhe uma sensação de ganho, em desacordo com o momento histórico vivenciado pelos artistas.
- revelam posição idêntica no que se refere ao ato de criar, permitindo deduzir que suas obras se identificam com teorias matemáticas e físicas.
- são expressões artísticas que fazem refletir sobre o espaço interior, permitindo construções inimagináveis desse mesmo espaço.

49

Observe as imagens a seguir.



Imagem 1: Michelangelo Buonarroti. *O toque da vida*.

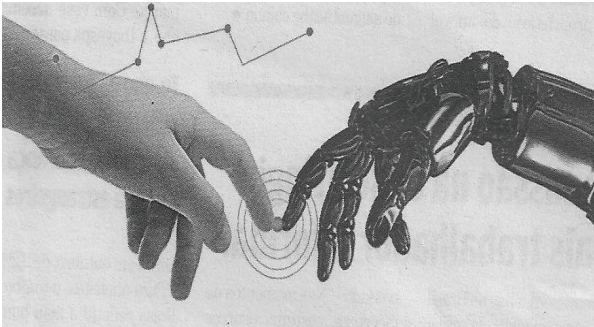


Imagem 2: Jornal *Rio Destak*, 29 de outubro de 2009.

Em aula de Língua Portuguesa para uma turma do Ensino Médio, o professor apresenta as imagens 1 e 2 com o objetivo de encaminhar a reflexão sobre o sentido de cada uma e a relação que se estabelece entre elas, no que diz respeito ao conceito de intertextualidade ampla apresentado por Koch. Com base nessa noção, os alunos deverão reconhecer que a intertextualidade existente entre as imagens deve-se

- (A) à diferença do tamanho das mãos reproduzidas nas duas imagens.
- (B) à identidade do momento histórico em que as imagens foram produzidas.
- (C) ao fato de a imagem 1 contrariar a imagem 2.
- (D) ao fato de a imagem 2 parodiar a imagem 1.
- (E) aos elementos constituintes do cenário em que as mãos se aproximam.

50

Leia o texto que segue.

Aos poetas clássicos

Se um dotô me perguntá
Se o verso sem rima presta,
Calado eu não vou ficá,
A minha resposta é esta:
— Sem a rima, a poesia
Perde alguma simpatia
E uma parte do primô;
Não merece munta parma,
É como o corpo sem arma
E o coração sem amô.”

Patativa do Assaré. *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1978. Fragmento.

Ao afirmar que a poesia sem rima *É como o corpo sem arma / E o coração sem amô.*, o sujeito poético

- (A) contrapõe-se à primeira fase do ideário modernista, que valorizava o emprego de versos brancos.
- (B) diverge dos poetas parnasianos, que consideravam a rima um elemento essencial ao fazer poético.
- (C) opõe-se às estruturas rítmicas desenvolvidas pelos árcades, que valorizavam, por formas fixas, as questões regionais.
- (D) desvaloriza a erudição clássica como fator necessário à construção poética.
- (E) reitera a importância do saber científico para a atividade de criação de textos poéticos.

51



Jornal *Valor Econômico*, 17 de novembro de 2009.

A linguagem verbal e a não verbal associam-se para transmitir as mensagens dos textos publicitários. No caso presente, pode-se depreender das imagens não verbais que, na HORA DE NEGOCIAR, vale a afirmação de que o

- (A) emprego de mão de obra e de máquina não interfere no custo do produto final.
- (B) preço do produto final para o consumidor independe da mão de obra empregada na sua fabricação.
- (C) produto final é tão mais barato quanto menos máquinas forem usadas na sua fabricação.
- (D) produto que exige mais mão de obra na sua fabricação é o mais caro para o consumidor.
- (E) valor final do produto é definido pelo tempo gasto na sua fabricação.

Leia os textos a seguir.

Texto 1



PAIVA, Miguel. *Jornal O Globo*. *GloboInho*, 22 de março de 2008.

Texto 2

Somos criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela. Ser livre é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado, é proclamar o triunfo luminoso do espírito. (Suponho que seja isso.) Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes.

Por isso, os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra inocentemente vai até onde o sonho das crianças deseja ir (Às vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso...). Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!) não acreditavam que se pudessem chegar tão simplesmente com um fio de linha e um pouco de vento!

MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 2002. Fragmento.

Considerando que as tiras e charges adentraram à escola como estratégias para discutir situações do cotidiano, o professor propõe à turma que o tema comum aos textos selecionados seja objeto de discussão e análise cujo teor será a oposição entre o real e o imaginado. Dessa reflexão, os alunos devem ser orientados para depreender que a crônica de Cecília Meireles

- conduz o leitor a concluir que as pessoas devem colaborar com os seus semelhantes, pois só junto deles poderão alcançar seus ideais comuns.
- demonstra que só a meditação pode levar as pessoas a entenderem o significado da luta pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade.
- propõe uma reflexão sobre o sentimento de liberdade, os perigos que o homem enfrenta e as atitudes que adota para alcançá-la.
- refere-se às crianças de outrora necessitadas da proteção dos adultos para conseguirem cumprir suas tarefas, sem incomodar os adultos.
- revela o estado de espírito dos personagens que se sentem como pássaros engaiolados, sem poder participar das brincadeiras infantis.

Leia os textos que seguem.

Texto 1

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores,
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias. *Poemas*. São Paulo, Publifolha, 1997. Fragmento.

Texto 2

Eu vim da Bahia

Eu vim
Eu vim da Bahia cantar
Eu vim da Bahia contar
Tanta coisa bonita que tem
Na Bahia, que é meu lugar.
Tem meu chão, tem meu céu, tem meu mar
A Bahia que vive pra dizer pra dizer
Como é que se faz pra viver
Onde a gente não tem pra comer
Mas de fome não morre
Porque na Bahia tem mãe lemanjá
Do outro lado o Senhor do Bonfim
Que ajuda o baiano a viver
Pra cantar, pra sambar pra valer
Pra morrer de alegria
Na festa de rua, no samba de roda
Na noite de lua, no canto do mar

Eu vim da Bahia
Mas eu volto pra lá
Eu vim da Bahia
Mas algum dia eu volto pra lá.

GIL, Gilberto. Disponível em: www.gilbertogil.com.br. Acesso em 03 de janeiro de 2010. Editora Musical BMG Arabella LTDA.

Os textos de Gonçalves Dias e Gilberto Gil

- cantam as riquezas minerais da terra de origem.
- expressam o mesmo sentimento ufanista.
- criticam as diferenças sociais da terra brasileira.
- descrevem as tristezas do exílio.
- elogiam a terra onde se encontram.

54

Um dos objetivos do processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na Proposta Curricular do Estado de São Paulo é *despertar a sensibilidade dos alunos para a crítica social presente na arte*.

LANDEIRA, J. L. M. L. *Caderno do professor. Língua portuguesa: EM 2ª série 1º bimestre*. São Paulo: SEE, 2008.

Para atingir esse objetivo, pode-se propor a análise e a comparação de textos artísticos que exijam do aluno a utilização de conhecimentos prévios como condição para compreender as obras e relacioná-las ao contexto social. Essa concepção apoia-se no pressuposto teórico de que, para construir um sentido para o texto, o leitor deve

- (A) associar a biografia e a bibliografia do autor em estudo.
- (B) considerar os conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo como base para a interpretação global de textos.
- (C) decodificar os conteúdos, com base na concepção de que o texto pode ser analisado independentemente de seu contexto de produção.
- (D) memorizar o conjunto de regras gramaticais relacionadas aos aspectos morfosintáticos de estruturação da língua.
- (E) privilegiar obras referentes a um mesmo tema social e político.

55

A proposta de apoiar o ensino de Língua Portuguesa na concepção de gêneros textuais, contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, baseia-se no pressuposto teórico de que as diferentes situações de interação social determinam a escolha de modelos discursivos para atender às intenções comunicativas dos interlocutores. Com base nessa concepção, conclui-se que

- (A) artigo de divulgação científica é um texto de base argumentativa que tem como objetivo convencer o leitor a adquirir um produto.
- (B) editorial é um texto de base argumentativa que tem como objetivo defender a opinião do veículo de comunicação a respeito de um assunto polêmico.
- (C) notícia é um texto de base descritiva que tem como objetivo provocar uma crítica humorística em relação ao conteúdo veiculado.
- (D) propaganda é um texto de base narrativa que tem como objetivo contar uma história que envolve personagens e segue um enredo.
- (E) reportagem é um texto de base injuntiva que tem como objetivo divulgar uma informação atual, de interesse de todos os leitores de um jornal.

56

Uma das estratégias para trabalhar a leitura do texto literário é a comparação entre diferentes abordagens de um mesmo tema, retomando o conceito de intertextualidade temática. O professor solicita que os alunos leiam os poemas que seguem.

Texto 1

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

Texto 2

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

QUINTANA, Mário. *A rua dos cataventos*. São Paulo: Globo, 2005.

A seguir, o professor trabalha a intertextualidade temática, ressaltando que, apesar dela, cada autor tem uma forma diferente e particular de desenvolver sua criação. A discussão do ponto de vista de cada autor deve resultar na apreensão de que o primeiro poema

- (A) demonstra indiferença ante os elementos da cidade, enquanto o segundo revela a sua inquietação frente a ela.
- (B) expressa um sentimento de tédio na descrição da cidade, enquanto o segundo descreve o espaço com ternura.
- (C) fala da cidade natal com distanciamento afetivo, enquanto o segundo refere-se a ela com indiferença.
- (D) retrata uma cidade pacata porém agradável, enquanto o segundo descreve o lugar com detalhes superficiais.
- (E) revela ternura ao descrever a cidadezinha, enquanto o segundo demonstra contrariedade ante essa lembrança.

Como estratégia de ensino, o professor solicita à turma que leia os textos a seguir, a fim de explorar diferentes gêneros textuais e estimular a discussão de recursos linguísticos presentes em cada um deles.

Texto 1



(Vida de passarinho, 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 47.)

Texto 2

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra.

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

Tomando por base o conceito de polissemia, o professor, em uma atividade na sala de aula, orienta uma discussão sobre os sentidos que pode assumir a palavra *pedra* presente nos dois textos, promovendo a manifestação oral dos alunos sobre o tema comum aos dois textos, a fim de reconhecerem que se deve

- aplicar a uma palavra um significado unívoco variável de acordo com a intenção do autor.
- atribuir a uma palavra o sentido mais frequente entre os falantes da comunidade linguística.
- conferir à palavra mais de um sentido de acordo com o contexto em que ela for empregada.
- empregar a palavra de modo que porte o sentido o mais restrito possível.
- reconhecer nas palavras o sentido denotativo legitimado pelo senso comum.

Em discussão em sala de aula, o professor propõe que os alunos se manifestem sobre as questões que envolvem a problemática educacional brasileira. Para tanto, apresenta os seguintes textos:

Texto 1

A educação é ruim no Brasil basicamente porque não há competição entre os agentes do sistema, isto é, entre escolas (por maiores dotações orçamentárias), entre alunos (por bolsas de estudo), entre professores (por adicionais de produtividade e reconhecimento público). A falta de concorrência, essencial à qualidade de qualquer área, dá-se na educação pela ausência total de uma política e de uma cultura meritocráticas. Abrir o acesso a alunos pobres em função de seus desempenhos escolares na escola pública, para vagas em colégios particulares, é uma forma de melhorar o sistema.

Alan M. Teixeira, via *globo on-line*, RJ.

Texto 2

Muito louvável a proposta do governo em melhorar a educação no país. Entretanto, simplesmente aumentar o montante de recursos para estados e municípios é insuficiente. Acabamos de ver os pífios resultados do Fundep. Entregar as verbas para quem não é realmente comprometido com a educação é aumentar o problema. Nós, professores, realmente recebemos salários vergonhosos, mas querer mudar isso deixando nas mãos de prefeitos e governadores não resolve. Eles usam as verbas para qualquer coisa, menos para a valorização do profissional. A maior parte do trabalho do professor é feita fora da escola, e ele não é remunerado por isso.

W. Alves, por e-mail, Niterói. RJ.

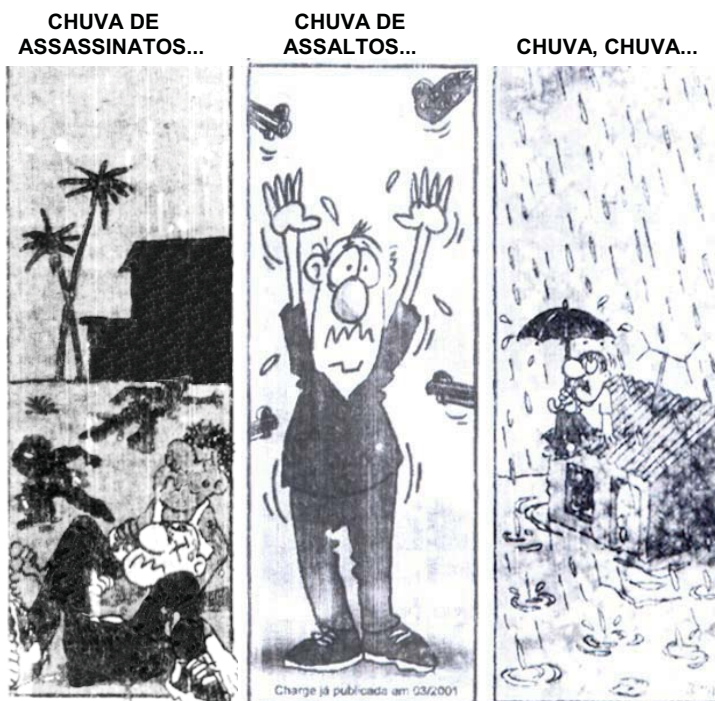
Com base na leitura desses textos, o professor espera que os alunos, após uma discussão dos diferentes pontos de vista apresentados, identifiquem que a diferença entre os textos baseia-se no fato de o primeiro

- atribuir os problemas educacionais à baixa remuneração docente, e o segundo denunciar a ausência de uma política educacional.
- considerar muito boa a proposta do governo em melhorar o ensino, e o segundo reconhecer as vantagens de uma educação meritocrática.
- defender a competição entre os agentes do sistema, e o segundo reputar os maus resultados à falta de valorização do professor.
- propor o aumento da concessão de vagas em colégios particulares, e o segundo defender melhor distribuição das verbas para a educação.
- valorizar o acesso de alunos pobres a escolas particulares em função do seu desempenho escolar, e o segundo considerar insuficiente o salário dos professores.

59

O aprendizado de produção textual favorece a exposição de diferentes experiências dos alunos, tanto as pessoais quanto as coletivas. Essa prática permite a abertura da sala de aula para o mundo, além de propiciar a discussão de conteúdos linguísticos. No caso, a charge a ser apresentada abre espaço para a reflexão sobre a polissemia da palavra *chuva*.

Chuvas capixabas



Disponível em: <http://blog.busca.uol.com>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

Assim, em uma aula de produção de texto, para motivar a elaboração de uma dissertação argumentativa, por exemplo, o professor poderá iniciar os trabalhos com a discussão dos sentidos que a palavra *chuva* assumiu nos três quadros. A seguir, propõe uma análise do texto apresentado com a finalidade de

- (A) criticar o lado negativo da realidade brasileira atual.
- (B) despertar o aluno para a discussão de temas humorísticos.
- (C) estimular o interesse do alunado para a leitura de charges.
- (D) refletir sobre as calamidades causadas pelo aquecimento global.
- (E) valorizar a charge como estratégia primordial de interpretação textual.

60

Leia o texto que segue.

O encontro entre a bola e a literatura

Nesses dias em que o futebol dá uma parada no campo, vá ao seu encontro nos livros.

Comece pelo de Washington Olivetto, *Corinthians X Outros*, sobre o qual tão bem já escreveu Daniel Piza. Mas há um outro trabalho que me agradou muito, do jornalista José Geraldo Couto, chamado *Futebol brasileiro hoje*. Curto, direto, mas não simples, o livro examina o futebol da atualidade numa linguagem despojada e leve, quase uma reportagem, entendendo-se por isso não uma crítica, mas, ao contrário, um elogio. Esse livro de agradabilíssima leitura, enxuto e magro como um atleta, que vai do passado ao presente, cruzando referências e informações do toda ordem, mostra que bastam menos de cem páginas para mostrar claramente o que foi, o que se tornou e o que espera o futebol, mergulhado profundamente num mundo que se transforma sem cessar.

GIORGETTI, Ugo. *Jornal O Estado de S. Paulo*. Caderno de Esportes, 20/12/2009. Fragmento.

Este é um texto motivador para estimular entre os alunos uma discussão sobre a atividade de leitura. É o momento em que os alunos se manifestam livremente, cabendo ao professor escutá-los e selecionar algumas ideias a serem desenvolvidas.

Uma das discussões possíveis com a turma, a partir da análise do texto de Giorgetti, seria sobre

- (A) a diversidade de temas para a prática da leitura.
- (B) a escolha de obras indicadas para os exames de seleção.
- (C) a imposição da leitura de *best-sellers* para atualizar conhecimentos.
- (D) a preferência por obras de escritores famosos.
- (E) a tradição em trabalhar textos clássicos e eruditos.

Questão dissertativa

(valor: 10,0 pontos)

Um dos principais problemas da escola é a relação professor-aluno. Como o professor pode cuidar dos problemas de indisciplina, falta de respeito e motivação dos alunos com a mesma atenção que se dedica ao ensino dos conteúdos escolares?

Leia os textos a seguir antes de produzir sua redação.

TEXTO I

Muitos meninos e meninas, que não encontram nas atividades e tarefas escolares sentido prático e que tampouco dispõem da paciência e necessário controle de seu próprio projeto vital para esperar uma demorada recompensa, entram num processo de rejeição das tarefas, de tédio diante das iniciativas dos professores ou de claro afastamento. Trata-se de um tipo de atitude de rejeição aos valores escolares, que não tem sempre as mesmas causas, mas que é visto pelos professores como desânimo e falta de aceitação de suas propostas.

Diante dos alunos, parece causa suficiente de expressão de desânimo e confusão, o que dá lugar a fenômenos de afastamento, rebeldia injustificada, falta de atenção e de respeito, quando não de clima de conflito difuso e permanente rejeição ao estilo das relações que se estabelece.

Muitos dos conflitos interpessoais dos docentes com seus estudantes têm uma origem no mal-entendido sobre expectativas de rendimento acadêmico, formas de apresentação das atividades, avaliações mal interpretadas, quando não diretamente no desprezo de uns para com os outros, considerados seus respectivos papéis no processo de ensino. (...)

É difícil não estar de acordo com os docentes, quando se queixam da falta de motivação e de interesse de um conjunto, às vezes muito numeroso, de meninos e meninas, que adotam uma atitude passiva e pouco interessada diante do trabalho escolar. De fato, este é um dos problemas mais frequentes com os quais os profissionais têm que lidar. Contudo, é paradoxal a escassa consciência que, frequentemente, ocorre sobre a relação entre a falta de motivação estudantil e os sistemas de atividade acadêmica.

É como se fosse difícil reconhecer, por um lado, que a aprendizagem é uma atividade muito dura, que exige níveis de concentração altos e condições psicológicas idôneas e, por outro, que o ensino, igualmente, é uma tarefa complicada, que precisa ser planejada de forma amena, interessante, variada e atrativa.

Não se trata, pois, de responsabilizar um ou outro polo do sistema relacional professores/alunos/currículo, mas de compreender que estamos diante de um processo muito complexo, cujas variáveis não só precisam ser conhecidas, porém, manipuladas de forma inteligente e criativa. É fácil culpar o estudante que não estuda, tão fácil como culpar de incompetente o profissional do ensino; o difícil, mas necessário, é não culpar ninguém e começar a trabalhar para eliminar a falta de motivação e os conflitos que esta traz consigo.

Fonte: ORTEGA, Rosário e REY, Rosario Del. Estratégias educativas para a prevenção da violência: mediação e diálogo. Tradução de Joaquim Ozório. Brasília: UNESCO, UCB, 2002. p. 28-31.

TEXTO 2

Cuidar dos problemas de indisciplina e falta de respeito com a mesma atenção que se dedica ao ensino dos conteúdos escolares é, pois, fundamental na escola de hoje, já que, felizmente, não se pode mais contar com os recursos da escola de "ontem". Naquela escola, havia também estes problemas, mas se recorria a práticas (expulsão, castigos físicos, isolamento), às quais não se deve ou se pode apelar. Além disto, tratava-se de uma escola para "poucos", para os escolhidos do sistema por suas qualidades diferenciadas (inteligência, poder econômico ou político, escolha religiosa ou condição de gênero).

Na escola atual, obrigatória e pública para todas as crianças e jovens, tais problemas são muito mais numerosos e requerem habilidades de gestão, não apenas para os professores em sala de aula, mas para todos aqueles responsáveis por esta instituição.

Importar-se com estes temas, dar-lhes uma atenção correspondente à que se dedica aos conteúdos das disciplinas científicas, é, pois, crucial. Observa-se frequentemente que professores, competentes em suas matérias, se descontrolam emocionalmente em sala de aula, porque não sabem como lidar com certos comportamentos antissociais de seus alunos. São bons em sua disciplina, mas não toleram a indisciplina dos alunos. Não relacionam que disciplina organizada como matéria ou corpo de conhecimentos (Língua Portuguesa, Matemática, Biologia)

equivale à disciplina assumida, enquanto qualidade de conduta ou procedimento que favorece à compreensão daquelas noções ou conteúdos.

Suportam as dúvidas ou dificuldades de seus alunos no âmbito de sua disciplina, mas não toleram suas dificuldades em se comportar de modo adequado em sala de aula ou no espaço escolar. (...)

Trata-se, pois, de considerar indisciplina, desrespeito e violência como expressões de conflitos, erros, inadequações, perturbações emocionais, dependências orgânicas ou sociais, defasagens, ignorâncias e incompreensões, enfim, dificuldades de diversas ordens a serem observadas e, se possível, superadas ou compreendidas na complexidade dos muitos fatores que as constituem e que, igualmente, podem contribuir para a sua superação. Como em qualquer disciplina, as qualidades que negam tais problemas, ou seja, o cuidado (pessoal e coletivo), o respeito (por si mesmo e pelos outros), a cooperação (como princípio e método) podem e necessitam ser desenvolvidas como competências e habilidades relacionais. A escola, hoje, é um dos lugares que reúne pessoas (adultos, crianças e jovens) que sofrem ou praticam tais inadequações. Se ela tratar tais questões como problema curricular e problema de gestão de conflitos, então, quem sabe, os conteúdos a serem aprendidos e a forma (afetiva, cognitiva e ética) de apreendê-los serão partes complementares e indissociáveis de um mesmo todo, que justifica o que se espera da educação básica e o que se investe nela, hoje.

MACEDO, Lino. Saber se relacionar é também questão de disciplina, competência e habilidade. In: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Cadernos do Gestor. São Paulo: SEE, 2010. (no prelo)

Observações:

É imprescindível que o seu texto:

- seja redigido na modalidade culta da língua portuguesa, conforme requer a situação interlocutiva;
- tenha um título pertinente ao tema e à tese defendida;
- apresente coerência, coesão e progressão;
- tenha extensão mínima de 20 linhas e máxima de 30;
- seja escrito com caneta azul ou preta.

